

ATLÂNTIDA
NO REINO DA LUZ

© 2009 – Conhecimento Editorial Ltda.

ATLÂNTIDA **NO REINO DA LUZ**

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Caixa Postal 404 – CEP 13480-970
Limeira – SP – Fone: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico:
Sérgio Carvalho
Projeto da capa:
Sandro Cruvinel (Contati Design)
Revisão:
Meiry Ane Agnese

ISBN 978-85-7618-392-1
2ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paranhos, Roger Bottini

Atlântida – No reino da luz / Roger Bottini Paranhos. – volume 1 – 2ª ed. – Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2017.

ISBN 978-85-7618-392-1

1. Ficção espírita 2. Espiritismo 3. I. Título

09-08632

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção espírita : Espiritismo : 133.93

Roger Bottini Paranhos

ATLÂNTIDA
NO REINO DA LUZ

Volume 1

2ª edição
2017



A humanidade somente encontrará a felicidade quando reconhecer que a mensagem crística trazida pelos grandes avatares da Terra é o roteiro absoluto para uma vida harmônica.

Hermes

Sumário

Capítulo introdutório	
Ainda o universalismo crístico.....	9
CAPÍTULO 1	
Exílio de Capela.....	29
CAPÍTULO 2	
Ano novo solar.....	53
CAPÍTULO 3	
O poder do vril.....	75
CAPÍTULO 4	
O Conselho do Vril.....	83
CAPÍTULO 5	
O mundo primitivo.....	91
CAPÍTULO 6	
Conhecendo um novo mundo.....	106
CAPÍTULO 7	
Três encontros.....	115
CAPÍTULO 8	
Entrevista com Kundô.....	133
CAPÍTULO 9	
O mundo dos sonhos.....	141
CAPÍTULO 10	
Despedida de Atlântida.....	150
CAPÍTULO 11	
As gêmeas.....	157

CAPÍTULO 12	
O treinamento das gêmeas.....	169
CAPÍTULO 13	
Retorno a Atlântida.....	180
CAPÍTULO 14	
Reencontros com Arnach.....	192
CAPÍTULO 15	
Primeiros conflitos	201
CAPÍTULO 16	
Em busca da cura.....	209
CAPÍTULO 17	
Ensinamentos de luz.....	215
CAPÍTULO 18	
Fim do sonho	223
CAPÍTULO 19	
Reaprendendo a viver.....	233
CAPÍTULO 20	
Alucinando.....	246

Ainda o universalismo crístico

Quando dei por mim, estava sentado em confortável poltrona elaborada em um material que não é deste mundo. Abri os olhos e vi um imenso oceano. O vento que vinha do mar me beijava o rosto com uma suavidade muito agradável, enquanto meus cabelos balançavam de um lado a outro, algumas vezes encobrendo minha visão. Decididamente, eu não estava no plano físico, pois havia assumido minha forma de manifestação eterna: aquela que retrata nossa plena identidade milenar no mundo imperecível. O corpo espiritual é de natureza ideoplástica e assume a forma das encarnações ou vivências com que mais temos afinidade no plano astral.

Virei-me para o lado esquerdo e ali vi meu amigo e espírito guardião nesta vivência: Ramiro. Ele estava em pé, com os braços cruzados sobre o peito, meditando; talvez aproveitando a beleza daquele mar sem fim para mergulhar dentro de si. Resolvi não despertá-lo de seu transe místico. Provavelmente já estávamos ali há um bom tempo. O trabalho de me desdobrar para o plano espiritual leva sempre longos minutos. Enquanto me aguardava, o nobre amigo parecia ter se perdido em seus pensamentos mais profundos, viajando pelo imo de sua alma.

À medida que eu recuperava a lucidez no Mundo Maior, resolvi aproveitar aquela bela paisagem para realizar, também, minhas reflexões. Estávamos no cume de um monte não muito alto. Sob nossos pés, um agradável gramado verdejante convi-

dava a descalçar os sapatos e caminhar sobre a relva fofa. Cena maravilhosa! Era o entardecer de um belo dia de Sol, e o clima primaveril daquela praia se fazia muito agradável. Senti vontade inclusive de dar um passeio à beira-mar, caminhar pela areia e sentir a água salgada banhar minhas pernas, lavando-me a alma. Porém minha intuição me dizia que deveríamos aguardar a chegada de Hermes ali mesmo.

Relaxei e passei a refletir sobre todas as loucuras que aconteceram após o lançamento do livro *Universalismo Crístico - O Futuro das Religiões*. Só agora, mais de um ano depois, passei a compreender melhor as insistentes ameaças dos magos negros, protagonizadas por Galeato. Foi necessário que a Terra executasse uma volta completa no Astro-Rei para eu me dar conta da gravidade contida na mensagem libertadora que materializávamos naquele livro. Realmente a visão revolucionária da “consciência espiritual do terceiro milênio” abalou os interesses do império do mal na Terra, e isso não sairia barato para quem colocou essa ideia no papel. Que Deus me proteja hoje e sempre!

É interessante que, mesmo recebendo todos os alertas possíveis, algumas vezes só compreendemos a mensagem quando entramos na “zona de choque”. Mas o que passou, passou... Sou como a fênix, renasço de minhas cinzas. E serei assim eternamente. Lutar por um ideal é o alimento de minha alma. Aceito qualquer desafio apresentado pelos mestres da luz, porque na verdade é isso que me traz alegria e me mantém animado para viver nesse mundo de sombras e tristezas. Além disso, sinto-me mais realizado caminhando quilômetros em zonas infernais ao lado de mestres como Hermes do que ficando à toa, apenas tocando flauta em um pretenso paraíso. O paraíso apresentado pelas religiões tradicionais não é para mim, pois é no campo de batalhas que me renovo e conquisto a vitória sobre mim mesmo.

O mundo como está não é o que desejo para meu futuro e para o da humanidade. Jamais me acomodarei ou me adaptarei a ele. Pelo contrário, vou trabalhar sempre para ajudar a mudá-lo. Quero um mundo onde as pessoas tenham consciência espiritual. Trabalharei até o último de meus dias para despertar consciências. É esse o alimento de minha alma, é esse o meu destino!

Ramiro retornou, então, de seu transe e sorriu, satisfeito em ver-me plenamente lúcido na dimensão espiritual.

— Como tu estás, meu amigo?

— Bem... Agora estou muito bem... — respondi reticente. Algumas nuvens negras ainda pairam no horizonte, mas é só uma questão de tempo para o Sol brilhar de forma intensa novamente. Somos filhos eternos de Deus. A Luz sempre brilhará para quem acreditar na vida eterna. Não há depressão que consiga se instalar em corações que já viram a “face” do Criador.

Eu me levantei, então, e nos abraçamos como bons irmãos de longa data. Era impossível não sentir o carinho irradiado pelo querido amigo, durante o amplexo fraternal. Nesse instante, Ramiro falou-me, com um sorriso cativante no rosto:

— Pronto, mano, para narrarmos a fantástica epopeia da Atlântida?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça, admirado com seu comportamento descontraído. Percebi que ele estava se esforçando para evoluir nesse aspecto. As pessoas mudam, tanto no mundo das formas como no reino astral. Somos seres em eterna evolução! Ele, então, prosseguiu:

— Temos que corrigir algumas informações para o trabalho do novo livro. No capítulo único sobre a Atlântida do livro *Akhenaton - A Revolução Espiritual do Antigo Egito*, tu capteste o relato de Hermes como se ele, Ártemis, fosse um homem.

Olhei assombrado para o amigo e perguntei, com indisfarçável curiosidade:

— Mas Ártemis não era homem?

Ele fez um sinal significativo com as sobrancelhas e respondeu:

— Não! Nessa encarnação Hermes era uma mulher fabulosa, que depois passou a ser cultuada como a deusa grega Ártemis, uma das doze divindades do Olimpo e a mais popular entre elas. Inicialmente foi ligada à floresta e à caça, depois, associaram-na também à luz da Lua e à magia. Filha de Zeus e irmã gêmea de Apolo, ficou conhecida pelos romanos como Diana. Claro que essas informações são lendas, assim como todas as divindades criadas a partir de personalidades incomuns.

Coloquei a mão na cabeça e disse:

— Nossa, que mancada! Não percebi que o nome Ártemis é feminino e nem me toquei sobre a deusa grega Ártemis, naquela época.

Caminhei de um lado a outro, coçando o queixo, e completei:

— Sim! Faz muito sentido. E depois Hermes viveu como o grande Toth no antigo Egito e também foi divinizado como o deus da escrita e da sabedoria, na terra de Kemi.

Ele concordou com serenidade e falou:

— Tudo bem! O teu erro é compreensível. Tu apenas estavas preso aos teus paradigmas. Naquela época, tu tinhas mais dificuldade em perceber e aceitar que reencarnamos algumas vezes como homem, outras como mulher, apesar de saberes muito bem disso. São barreiras inconscientes que travam o nosso progresso.

Concordei com um gesto sincero, enquanto ajustava os cabelos que eram desalinhados a todo instante pela brisa serena que vinha do mar, e perguntei:

— E eu cometi mais algum erro a respeito disso? Narrei alguma encarnação minha como homem, mas era mulher?

Ele riu da minha preocupação e respondeu:

— Não. Até agora não cometeste esse equívoco. Desde que vieste do sistema de Capela, na constelação do Cocheiro, há mais de 12 mil anos, tu tiveste a grande maioria de tuas encarnações no mundo físico com personalidade masculina.

Meditei sobre o assunto e falei, um pouco decepcionado comigo mesmo:

— Espero que Hermes não tenha ficado chateado com esse meu erro.

Ramiro sorriu e disse-me, de forma jovial:

— Hermes é um irmão compreensivo. Tu bem sabes! Além disso, ele está muito à frente de nós. Pouco se importa com a natureza masculina ou feminina, assim como tu e eu.

O nobre amigo e guardião fez uma pausa estudada em sua exposição e arrematou:

— Ele nem se importou com o fato de tu tentares seduzi-lo nessa existência na Atlântida, quando ele era a grande Ártemis.

Eu me virei rápido para ele e perguntei:

— Fala sério, Ramiro? Eu não fiz isso!

Ele riu, divertindo-se com a situação, e disse, em tom jocoso:

— Brincadeira... Hermes, na personalidade de Ártemis, foi mãe de tua esposa Evelyn.

Olhei para ele com cara de poucos amigos e respondi:

— Brincadeira de mau gosto! Tu não perdes a oportunidade de me esculachar e puxar-me a orelha.

Ramiro apoiou suas mãos em meus ombros, como só os grandes amigos fazem, e falou, com um largo e carinhoso sorriso no rosto:

— Quem mandou você me pedir para ser seu anjo guardião nesta existência? Agora tenho que cumprir meu papel, ou seja, puxar-lhe a orelha a todo instante.

Ele meditou por algum tempo, com o olhar perdido no horizonte, e arrematou, com sua voz denunciando leve emoção:

— Eu preciso fazer isso, meu irmão. Não debes perder o foco de tua missão. Tu não tens ideia da importância de teus relatos para o futuro espiritual da humanidade.

Concordei com um olhar significativo, demonstrando estar ciente da responsabilidade que estava em minhas mãos. Depois voltamos a respirar profundamente o ar puro daquele paraíso e a apreciar a beleza do mar, abraçados, como fazem os grandes amigos que se amam como irmãos.

Nesse instante, fomos envolvidos por uma irradiação de energia que nos deixou em estado de êxtase e de infinita alegria. Percebemos, então, a aproximação de Hermes, que lentamente foi se materializando diante de nós, enquanto caminhava em nossa direção.

Nossos olhos ficaram imediatamente marejados, à medida que aquele ser de imenso amor e sabedoria aproximava-se. Isso sempre acontece conosco ao nos depararmos com o semblante amoroso e amigo de nosso querido mestre, sempre disposto a nos brindar com sua simpatia contagiante, mesmo quando falhamos na luta contra nossos próprios demônios interiores.

Vestindo sua tradicional túnica sacerdotal branca, com os cabelos negros esvoaçantes presos por discreta tiara, ele rapidamente se achegou a nós com um sorriso cativante no rosto. Com imenso carinho, talvez feliz por ver nossa amizade sincera,

cumprimentou-nos com um forte abraço, unindo-nos em um fraterno amplexo de luz.

Que energia sublime! Algo inesquecível! Como não agradecer mil vezes a Deus por ter o privilégio de interagir de forma tão próxima com um ser do quilate espiritual de Hermes Trimegisto? Impossível. Esses séculos de luta pela libertação e aquisição de lucidez espiritual não poderiam ser melhor recompensados.

— Meus queridos irmãos, bom revê-los — disse-nos o grande mestre, de forma jovial.

Em seguida, fizemos uma sutil reverência, demonstrando toda a nossa admiração e gratidão àquele que tantas vezes nos mostrou o caminho da Luz. Ele rapidamente quebrou o clima formal imposto por nós e convidou-nos a caminhar pela praia. Fiquei especialmente animado. Estava ansioso por descer a colina e banhar-me naquela água revigorante.

Ramiro, de forma cortês e elegante, informou-nos que outras atividades urgentes o aguardavam. Ele sabia que Hermes necessitava falar comigo em particular e partiu, sem alarde. Despedimo-nos de meu guia protetor com um olhar significativo.

Em seguida, caminhamos por alguns minutos apreciando a dádiva daquela natureza paradisíaca, até que Hermes me perguntou:

— E as lutas da vida humana, Roger? Percebo teus dilemas, diante das fortes emoções que tu viveste nos últimos tempos.

Eu concordei com um gesto espontâneo e falei, sem reservas, enquanto apreciávamos o voo sereno das aves à beira-mar:

— Hermes, outros devem seguir o Universalismo Crístico com urgência. Sinto-me como um “boi de piranha”, sendo atacado pelas trevas. Se outros não atravessarem o rio junto comigo, não aguentarei sozinho esse ataque impiedoso. Onde estão os eleitos do Cristo, que não se manifestam? Estão dormindo? Por que não despertam para seu compromisso de instaurar a Nova Era na Terra? Sinto-me como um fugitivo de meus próprios fantasmas. Tenho medo. Sim, temo; não por mim, mas sim pelo futuro do projeto Universalismo Crístico na Terra.

Os magos negros raras vezes conseguem atuar diretamente

sobre mim, por causa da intervenção de Ramiro e de toda a equipe, portanto, estão atacando a tudo e a todos. Qualquer pessoa que desperta do mundo das ilusões e se mobiliza para estimular a mudança em outros logo é assediada, com o objetivo de desanimá-la. Poucos são os guerreiros que resistem bravamente e não abandonam o ideal libertador do Universalismo Crístico.

Hermes colocou sua destra sobre meu ombro, tentando acalmar-me, enquanto caminhávamos pela praia, e disse, com sua voz serena e impregnada da mais pura sabedoria:

— Jesus já nos falou sobre isso na parábola do semeador. Aqueles que desistem diante das primeiras adversidades são as sementes lançadas em meio aos espinhos... Nós não temos o controle absoluto sobre tudo o que ocorre no plano físico. As coisas vão acontecer, devem acontecer, mas não podemos interferir no livre-arbítrio do mundo. Só nos resta gritar cada vez mais alto para que o homem desperte de seu mundo de ilusões e enxergue a visão libertadora e desprovida de preconceitos do Universalismo Crístico, despindo-se de seu ego humano e compreendendo definitivamente que é um espírito imortal em peregrinação pelos mundos físicos, com o objetivo de despertar sua consciência em direção à luz de Deus. Também temos observado tua iniciativa, durante as projeções astrais noturnas que realizas, de dirigir-se até o centro do país e, lá da estratosfera, ficar girando de braços abertos, irradiando o ideal do Universalismo Crístico sobre todo o território nacional, por alguns minutos. Essa é uma magia do bem muito poderosa. Parabéns por essa inspiração de ordem divina, querido irmão. Estamos orientando Ramiro para te dar todo o suporte necessário para a execução dessa atividade.

Eu sorri, feliz com o reconhecimento do “chefe”, e, com os olhos úmidos de emoção por estar ao lado do grande Hermes Trimegisto, perguntei, com voz trêmula:

— Mas por que eu, meu mestre? Por que uma alma tão instável e suscetível ao ataque das sombras foi escolhida para materializar, no mundo físico, essa revolução fantástica? Sinceramente, não entendo. Quem está próximo a mim e me conhece de perto sabe que não possuo a grandeza espiritual dos santos, nem mesmo a fibra dos idealistas, que não se vergam nem mes-

mo diante das maiores tempestades.

O sábio mestre ajeitou os longos cabelos negros, mais escuros que a asa de um corvo, e depois me abraçou, talvez comovido com meus dilemas pessoais. Em seguida, respondeu, enquanto eu me mantinha cabisbaixo:

— Eu estava acompanhando teus pensamentos, antes de chegar. E, naquele momento, tu mesmo deste a resposta para essa indagação. És como a fênix, meu querido amigo. Tu renasces de tuas próprias cinzas! É nisso que apostamos. A nova humanidade que surgirá não precisa de gurus perfeitos, que jamais cometam deslizes. É o fim da era dos líderes espirituais infalíveis e o início do ciclo da autoconscientização. A visão espiritual do terceiro milênio precisa de um pioneiro que possa caminhar em todas as frequências, em todas as estradas; andar na luz, assim como anda nas trevas. Teu leque é muito amplo, consegues interagir com todo o Universo que te é apresentado. Tu podes trazer para os braços do Cristo pessoas que dificilmente seriam convencidas pela tradicional explanação evangélica. É difícil explicar. Tu és como um curinga no baralho divino. A visão libertadora da consciência espiritual do terceiro milênio necessita ter um modelo despojado, liberto de formalismos. Só assim será possível espiritualizar as gerações futuras. Cada vez fica mais claro que o modelo religioso apresentado à humanidade até o momento está com os dias contados. Urge que a revolução do Universalismo Crístico ganhe o mundo. Caso contrário, as gerações futuras estarão fadadas a um precário desenvolvimento espiritual, haja vista seu natural distanciamento do modelo religioso obsoleto dos dias atuais, assim como já expusemos no livro *Universalismo Crístico - O Futuro das Religiões*.

Hermes meditou por um instante e concluiu, com a voz impregnada de sabedoria, enquanto arrastava os pés pelas marolas e com a mão direita sob o queixo:

— O Universalismo Crístico é uma visão espiritual “elástica”. Talvez esse seja seu grande diferencial. Por possuir amplo leque de aceitação das crenças pessoais, atrairá uma multidão que está insatisfeita com os modelos espirituais vigentes, resgatando até mesmo os ateus e agnósticos, que não aceitam as informações espirituais por causa dos absurdos e equívocos das

religiões obsoletas do passado.

Eu concordei com suas palavras e atalhei:

— Sim, tens razão. Todavia, algumas pessoas podem achar o Universalismo Crístico permissivo demais, como se fosse uma ação do mal para desencaminhar os fiéis do “caminho da salvação”. Já vi fanáticos utilizarem esse pobre discurso por muito menos.

O sábio mentor assentiu com a cabeça e falou:

— O grande segredo dessa permissividade do Universalismo Crístico é atrair aqueles que estão distanciados da Espiritualidade, por sentir que a visão severa e fantasiosa das religiões não tem nada a contribuir para suas vidas. Atuará também sobre aqueles que são religiosos, à medida que comecem a realizar reflexões sobre suas crenças. Como a visão espiritual do futuro é ampla, desprendida de dogmas e baseada em uma plataforma sensata, atrairá naturalmente as pessoas. E, como tu bem sabes, a partir do momento que o homem busca espiritualidade, ou seja, quando ele abre definitivamente a “caixa de Pandora”, tudo muda em sua vida, porque ele adquire uma consciência superior. Como disse Einstein: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”. Pouco a pouco e naturalmente, o novo adepto do Universalismo Crístico construirá um entendimento da vida maior, que ele não conhecia, fazendo-o enquadrar-se em um conceito lógico e sensato de caminhada em direção à Luz. Depois disso, a evolução espiritual tornar-se-á natural. Só precisamos dar o empurrão necessário para libertar a humanidade de seu torpor, ou seja, de sua alienação diante das verdades imortais.

Ele meditou alguns instantes e concluiu, com suas habituais comparações atléticas, que muito me fazem rir.

— Essa visão permissiva do Universalismo Crístico pode ser comparada a uma academia de ginástica, que convida à prática de exercícios físicos para uma saúde melhor, porém sem obrigação. Se o novo adepto desejar fazer apenas alongamentos, já é um começo. Assim, naturalmente, ele vai se integrar à academia e perceber que, além de alongar-se, poderá usufruir de uma gama de exercícios aeróbicos e musculares. Logo, ele compreenderá que isso lhe trará infinitos ganhos para a saúde da

alma. Por esse motivo, o Universalismo Crístico precisa ter uma porta de acesso bem ampla. A acomodação espiritual da humanidade é muito grande. Nós já teremos conquistado grande vitória se as pessoas simplesmente assimilarem e praticarem (de forma sincera) a máxima: “Ama ao teu próximo como a ti mesmo e não faças aos outros o que não gostarias que te fizessem”.

Eu meditei sobre suas palavras, que me pareciam bem lógicas, e disse-lhe:

— Mesmo assim, acho que devemos agir rápido para alastrar o Universalismo Crístico na Terra. Percebo que as trevas estão dando tudo de si, neste momento, para derrubar-nos.

Hermes concordou com seriedade e disse:

— Assim o é! O momento é crucial. Estamos vivendo uma fase de transição para um novo ciclo de evolução planetária, e nossos irmãos que ainda vibram na frequência da escuridão compreendem que, em breve, não terão mais como evitar a ação da Luz. Eles acreditam que agora ainda podem segurar essa onda, por isso estão intensificando o assédio e o ataque. Aproveitam o momento em que a humanidade está entorpecida, em que ainda dorme. Este é o melhor momento para “assaltar” a alma dos incautos.

Eu concordei com um expressivo olhar e afirmei:

— Bom. Só me resta, então, continuar nessa caminhada, lutando pelo despertar de meus irmãos que ainda dormem.

— Assim deve ser! — respondeu Hermes, irradiando magnífica luz de todo o seu ser. E é por esse motivo que já estamos no astral traçando o projeto que materializarás no mundo físico, após a conclusão dos dois livros sobre a Atlântida.

Trata-se de um novo livro sobre o Universalismo Crístico, que terá uma visão mais avançada. Para melhor entendermos, podemos chamar o primeiro livro do “UC”, de “básico”; já esse próximo será uma explanação *advanced*.

Eu demonstrei grande empolgação com o novo projeto, porém, quando ia pedir mais detalhes, Hermes mudou de assunto, perguntando-me:

— Pronto para o novo trabalho?

Percebi que ele não desejava perder o foco do trabalho atual. Então, estaquei o passo, procurando projetar-me para a terra

de Poseidon, enquanto uma onda mais forte banhava nossos pés com a sempre agradável água do mar.

Depois de um breve momento de meditação, em que eu apreciei a beleza da branquíssima espuma deixada pelas ondas, respondi:

— Sim. Entretanto, tenho alguns receios sobre esse tema. Falar sobre a Atlântida é algo que sempre me preocupou. Era um mundo muito diferente do nosso, bem avançado para a época. Tu sabes de minha preocupação em narrar temas que possam fazer o leitor imaginar que nosso trabalho trata-se de ficção. É muito difícil obter credibilidade entre os leigos e céticos. Quero conquistá-los, também. Ademais, aqueles que buscam o saber espiritual necessitam sentir-se seguros, ao ler nossos livros. O mais importante é a essência da mensagem, contudo, preocupo-me em deixá-los sempre tranquilos com relação à credibilidade do conteúdo.

Hermes fez um gesto de concordância, enquanto pegava uma estrela-do-mar trazida pelas ondas. Ele beijou, então, o pequeno animal equinodermo e o devolveu ao seu habitat.

— Sim, eu sei, também penso assim. E sabes bem disso. Por isso queremos que um canal com os “pés no chão” escreva sobre o maravilhoso continente da Atlântida, inclusive relatando sobre a fabulosa energia Vril que permitiu ao povo da Grande Ilha atingir elevado grau tecnológico, em uma época em que os demais povos do planeta ainda viviam em uma estrutura social nômade ou agrícola bem primária. É importante descrever também o importante trabalho realizado pelos atlantes para impulsionar o progresso entre essas outras civilizações. Lembras disso tudo?

Eu sorri, honrado com a incumbência que recebia do grande mestre, e disse:

— Fico feliz! Farei o possível para colocar no papel o reflexo direto de teu pensamento, querido mestre. Dessa vez não falharei, como fiz no livro *Akbenaton*, onde registrei Ártemis como um homem. Ramiro já me esclareceu sobre isso, como bem deves saber.

Hermes respirou fundo e atalhou, enquanto olhava para as poucas nuvens que cruzavam o céu azul:

— Já te disse para não me chamar de mestre. Mestre é o Cristo, entidade máxima de nosso mundo, que orientou-nos a trazer a mensagem do amor e da evolução, durante toda a história da Terra, independentemente de cultura, povo e época, e que temos em Jesus seu canal mais marcante no Ocidente. Inclusive, na Atlântida, o Cristo inspirou o grande Antúlio para trazer as verdades eternas à terra de Poseidon.

O sábio mestre ficou, então, em silêncio por alguns segundos, olhando profundamente em meus olhos, preparando-me para realizarmos um salto no tempo, depois prosseguiu:

— Preciso pedir-te mais uma vez, Radamés!

Aquela referência à minha personalidade de 3.300 anos atrás, época do faraó Akhenaton, fez-me viajar no tempo em pensamento, levando-me, mais uma vez, à terra dos faraós, em uma fração de segundo.

— Durante a confecção da trilogia sobre a implantação do monoteísmo na Terra, pedimos-te para narrar aqueles marcantes acontecimentos conforme tua ótica, e isso causou importante empatia nos leitores. Como já te disse, tu tens o dom de transitar em todas as tribos. Tua narrativa foi tão envolvente que conseguiste despertar a atenção de muitas pessoas que somente amavam a terra de Kemi, o antigo Egito, mas não tinham interesse pelo tema espiritualidade. É algo estranho até para nós. Tua linguagem consegue penetrar onde nossa forma de expressão tem dificuldade, por isso temos que te pedir novamente para seres o narrador dos dois volumes sobre a Atlântida, tanto *No Reino da Luz* como *No Reino das Trevas*.

Aquele pedido me perturbou profundamente, e Hermes percebeu. Virei-me em direção ao mar e fiquei em profundo silêncio. Ele se aproximou e colocou a mão sobre meu ombro, de forma tranquila e serena. Ficamos assim, olhando o mar por alguns longos minutos, até que eu lhe disse:

— Tu sabes o que estás me pedindo? Narrar sobre a implantação do monoteísmo na Terra, lembrando minhas encarnações como Radamés e depois Natanael já foi algo muito difícil para mim. Agora, pedes para revelar a encarnação que mais me envergonha e traumatiza. Será que vou ter que expor toda a minha vida em nossos livros? Sinto vergonha! Sinto-me